A PREVALÊNCIA DO SIGNIFICANTE COMO RESISTÊNCIA À METALINGUAGEM

Eliane Mara SILVEIRA (UFU)

RESUMO: O termo “metalinguagem” inaugurado, provavelmente, por Tarski, retomado por Hjelmslev na década de 30 do século XX e mais tarde por Jakobson é largamente utilizado na Lingüística, mas encontra um momento de suspensão quando Lacan, na década de 50, se propõe a discuti-lo a partir da concepção de sujeito e objeto e da relação que pode ser estabelecida entre eles. A relação, nesse caso, será entre sujeito do inconsciente e língua, considerando que a última estrutura o primeiro. A partir desse pressuposto retomarei a noção de metalinguagem desenvolvida na Lingüística, suas críticas, bem como as considerações de Lacan sobre essa operação com o objetivo de discutir a natureza do saber sobre a língua na Lingüística.

ABSTRACT: The term “metalanguage” probably introduced by Tarski, taken by Hjelmslev by the 30’s in the XX century and, later on, used by Jakobson, is broadly applied in the field of Linguistics. However its use has not been considered, since the 50’s when Lacan proposed to have it discussed based on the conception of subject and object and on its relation to each other. This relation, in this case/study, will be the subject of unconscious and language, considering the last one structures the first. Having this idea in mind and aiming at discussing the nature of knowledge about language within the Linguistics field, I will work on the notion of metalanguage developed in this area, pointing out its critiques, as well as Lacan’s view of this operation.

1. Introdução

A afirmação saussureana: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (1916:15) é uma das mais citadas na Lingüística e nas áreas afins. Contudo, não é tarefa fácil explicitar o que é ‘ponto de vista’. Talvez por isso mesmo essa asserção possa ser tomada por muitos, ela permite uma maior maleabilidade de sentido já que ‘o ponto de vista’ pode ser aquele que melhor aprouver ao autor do texto. Neste trabalho trazemos essa afirmação do lingüista suíço e outra de Lacan: “Não há metalinguagem” (1966:883). Categórico, o psicanalista francês é muito menos citado; contudo, nos parece que uma asserção é tributária da outra. Procuraremos explorar esta proximidade entre elas para discutir a problemática da **abordagem de Corpora na Lingüística na sua relação com a Psicanálise**¹. Iniciaremos realizando um recorte em uma área de conhecimento ampla e complexa como a Lingüística para pensar como ela se constituiu a partir de Saussure e apesar dele. Nessa perspectiva iniciaremos acompanhando o percurso do conceito de metalinguagem na Lingüística.

Sabemos que os estudos da linguagem foram transformados em ciência a partir da especificação do seu objeto por Saussure no início do século XX e podemos dizer que desde então, na Lingüística, tem havido uma necessidade de adaptar-se ao que se julga uma demanda cientificista e é assim que o método torna-se importante. O termo metalinguagem parece ter encontrado solo fértil nessa necessidade da Lingüística se afirmar como ciência a partir de uma objetividade não muito fácil de ser alcançada nas chamadas ciências humanas. Entre as décadas de setenta e oitenta do século passado foram muitos os artigos e livros publicados na Europa e no Brasil que se valiam largamente do termo metalinguagem, muitas vezes como conceito central do trabalho.

A sorte deste conceito ‘metalinguagem’ estava, evidentemente, atrelada ao percurso da Lingüística. Nascido sob a égide do logicismo de Tarski que teve grande influência na Semântica Formal, ele não ficou imune às transformações que o objeto da Lingüística experimentou a partir das novas teorias deste último meio século. Iremos retomar alguns desses momentos de estabelecimento e desestabilização do conceito ‘metalinguagem’ a partir de algumas noções de língua concebidas nesse período e, fundamentalmente, explorar o alcance e os limites da afirmação lacaniana ‘não há metalinguagem’.

¹ - Título do Grupo Temático que propomos no XI SILEL – Simpósio Nacional de Letras e Lingüística e I Simpósio Internacional de Letras e Lingüística realizado em novembro de 2006 na Universidade Federal de Uberlândia-MG.

2. Breve histórico do conceito

Retomaremos o histórico do termo metalinguagem a partir do trabalho de Rey-Debove(1978) e das observações de Pinto(2002). Esta autora afirma que o termo entrou na Lingüística a partir de Tarski e que a noção de metalinguagem entrou nos meios lingüísticos em grande parte herdada dos debates filosóficos do Circulo de Viena. Contudo, o conceito não data do início do século XX, nos informa Rey-Debove; desde Panini no século IV a.C. já havia uma distinção entre a linguagem que se refere ao objeto, ao mundo e a linguagem que se refere à linguagem. Sendo a primeira a linguagem ordinária e a segunda uma metalinguagem. Tal conceito foi retomado na Lingüística por Hjelmslev na década de 30 e na modernidade foi Jakobson o autor mais conhecido na lingüística a se ocupar desse termo na segunda metade do século XX. Este autor cunhou a expressão ‘função metalingüística’ no texto “Lingüística e Poética” publicado originalmente em ‘Style in Language’ em Nova Iorque em 1960 e mais tarde, em 1974, publicado no Brasil pela Cultrix no livro Lingüística e Comunicação.

Assim, especificamente na Lingüística e nas áreas especializadas em linguagem, mas também em outras áreas o termo metalinguagem é definido como uma língua usada para falar a respeito de outra língua. É representativo desta perspectiva a publicação de Chalub em 1988 do livro com o título do conceito “A metalinguagem” e o cuidado com que a autora trata o conceito, para ela é preciso “distinguir cuidadosamente a língua-objeto, a língua a cujo respeito estamos falando, da metalinguagem, a língua que estamos usando para falar da língua objeto.” (p.191), a partir desta observação tem-se a impressão de que está em jogo duas línguas distintas e nesse aspecto a expressão ‘função metalingüística’ utilizada por Jakobson(op.cit.) parece atenuar a convicção da existência de uma língua da qual se fala e outra com a qual se fala dela.

Nesta perspectiva em que escolho o livro de Chalub como representativo, o conceito metalinguagem é designado então como *função de uma língua*, e pode ser utilizado em ralação a alguns ‘eventos’ lingüísticos.

Usa-se metalinguagem em situações de **uso-menção**, por exemplo: “Paris é a cidade luz” que difere de “Paris é uma palavra com cinco letras”, ou seja, há uso na primeira e há menção na segunda que especificaria a metalinguagem.

Metalinguagem, segundo Chalub, pode ser estendida à **tradução** ‘traduzir de uma língua para outra é um trabalho de operação meta-lingüística com o código’ (op.cit:28), ou ainda pode ser entendida estendida no sentido em que “**aprender** uma língua é sobretudo operar metalingüísticamente” (op.cit).

Além disso, o conceito é também estendido ao âmbito da **literatura**: “O que a metalinguagem indica é a perda da aura, uma vez que dessacraliza o mito da criação, colocando a nu o processo de produção da obra.” (op.cit:42).

Não é uma coincidência que o conceito de metalinguagem seja importante para áreas como Tradução, Ensino, Literatura e Lingüística, nessas áreas partilha-se a convicção de que se pode dizer da língua. Tal pressuposto certamente encontra um ancoramento na experiência com a linguagem que cada uma dessas áreas realiza e que está sustentada na concepção de língua e sujeito desenvolvida, implícita ou explicitamente, no interior de cada uma. Assim, se pode dizer que, embora partilhem desse retorno à linguagem pela língua, por outro lado não penso que haja uma definição desta palavra/conceito que seja consensual entre estas áreas visto que elas têm constituição e objetos distintos e dessa forma voltar-se à linguagem se faz de maneiras muito distintas, dependendo do que se pensa que é linguagem e de qual é o seu objetivo: analisar, descrever, ensinar ou traduzir.

Rey-Debove(1978:21) afirma que a distinção entre ‘linguagem e não linguagem’, fundamental para a definição de linguagem que se dirige a não linguagem (o mundo) e linguagem que se dirige à linguagem (metalinguagem), pode ser considerada artificial para um psicanalista ou para um sociólogo mas não para um lingüista para o qual esta distinção é fundamental. Na verdade pode-se mesmo dizer que tal conceito alcançou o seu apogeu nas décadas de setenta e oitenta do século passado e que mais do que isso este termo alcançou um estatuto seguro e não foi colocado em questão já que muitas vezes colocar em questão esta atividade era colocar em questão a pertinência mesmo das áreas. Mas é relevante a indicação de Rey-Debove sobre a especificidade do lingüista na relação com este conceito que, como uma lupa, um estetoscópio, se ofereceria ao lingüista como um instrumento para aproximar-se da linguagem e melhor apreendê-la. Suspeitamos, contudo, que a metalinguagem não passe de um caleidoscópio. Veremos porque a partir de uma re-significação do termo considerando um conceito de língua que inclua o sujeito do inconsciente.

3. A suspensão do termo *metalinguagem*

Paul Henry, lança na França em 1977, um livro chamado “Le mauvais outil”, traduzido no Brasil em 1992, por Maria Fausta Cahahyba com o título “A Ferramenta Imperfeita”. Este livro já traz no seu próprio título o predicado da língua: ‘ferramenta imperfeita’ e, se assim é, não pode dizer de si mesma, é imperfeita. Em todo este livro, de diversas formas ele desenvolve essa idéia de falta na língua que instaura uma opacidade na língua, uma não transparência. Esta não-transparência, nos parece, pode ser associada a uma dificuldade da metalinguagem por duas vias. Em primeiro lugar a dificuldade de estabelecer a metalinguagem como ferramenta de acesso á linguagem porque sendo ela feita de linguagem e, portanto, ‘não-transparente’ como assegurar-se nesse estatuto de acesso privilegiado á ‘verdade’ da linguagem? A segunda via de dificuldade de operacionalização da metalinguagem é justamente porque a ‘linguagem-objeto’ também não é transparente e assim, não há instrumento que possa ser suficientemente eficiente em captar a ‘verdade’ da linguagem. Trago sempre a palavra verdade entre aspas porque me parece que não há algo da ordem da Verdade que se possa extrair da linguagem no âmbito da lingüística e também porque, em oposição á mentira, é do que se trata na objetividade de uma ciência, ou seja, de evitar o engodo.

Paul Henry afirma que “O lugar atribuído ao sujeito nas teorias lingüísticas comanda a posição tomada com relação ao sentido, naquilo que se entende por língua; ele determina a concepção global da gramática e, para além, o tipo de prova assim como os resultados.” (p.113). Bem, essa opacidade da língua descoberta a partir da noção de ideologia e inconsciente, em uma relação íntima com a língua que põe em jogo um sujeito que não é dono do seu saber, coloca-se como um claro obstáculo á concepção de metalinguagem e abre as portas da possibilidade estrutural do engodo na lida com a linguagem. Um engodo que se origina na própria posição do sujeito, do lingüista que não pode, tal qual o Barão de Munchausen, subtrair-se daquilo que o constitui: a linguagem, que por natureza é não transparente.

Paul Henry, que juntamente com Plon e Pêcheux, segundo Malidier (2002), formavam um grupo que na década de sessenta estavam muito próximos das elaborações de Lacan o que nos autoriza a dizer que alguns teóricos da linguagem que tinham uma certa proximidade com a obra de Lacan já colocavam em discussão a relação sujeito/linguagem questionando a maneira como tal relação se daria.

Em 1978, Jean Claude Milner, publica na França, o livro “L’amour de la langue”, que chega em português ao público brasileiro em 1987. Milner explorará amplamente a posição do lingüista diante da língua, marcada segundo ele, “por um impossível incontornável”. Certamente estes dois autores, Henry e Milner nestes livros, de maneiras bastante diferentes, colocam em questão a noção de metalinguagem. Os dois marcados pela teorização de Lacan sobre sujeito e linguagem.

No texto “A ciência e a verdade” que é a estenografia da aula de abertura do seminário que Lacan realizou no ano de 1965-66 na École Normale Supérieure, sobre o objeto da Psicanálise encontramos a afirmação categórica de Lacan a respeito da metalinguagem: “(...) Não existe metalinguagem (para situar todo o lógico-positivismo), que nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo” (p.883). No texto Lituraterre, escrito para o número dedicado ao tema “Literatura e psicanálise”, da revista Littérature, Larousse, no.3, out.1971, Lacan afirma que “Não há metalinguagem, mas o escrito que se fabrica com a linguagem é material talvez dotado de força para que nela se modifiquem nossas formulações.” (p.23).

As afirmações dele não se referiam à Lingüística, ao fazer do lingüista. Lacan já havia se despedido da Lingüística, o seu interesse por Saussure e Jakobson já não era mais o mesmo da sua chamada fase estruturalista da metade do século XX. Ele já havia se despedido da Lingüística e deixado esta aos lingüistas e, segundo ele, ficaria com a linguística que ele assim justifica:

“Talvez uma maneira de entender a *lingüística* seja por essa via da ética, pois foi a histeria que revelou a sujeição ao significante, e nesse sentido temos na análise de Dora o seu paradigma: Ou bem nos tornamos sujeitos (do inconsciente, portanto, divididos) ou bem mantemos nossos sintomas.” (Lacan, Seminário 20).

Para Lacan o que está em jogo é “Essa falta do verdadeiro sobre o verdadeiro” (p.878), ou seja, como pode o lingüista, a partir dessa concepção de língua e de sujeito, dizer de um lugar, uma região, que o constitui? A partir desta perspectiva “O objeto está em exclusão interna ao sujeito” (p.880). E, mais ainda, para Lacan “O douto que faz ciência é também um sujeito, ele próprio, e até particularmente qualificado em sua constituição, como o demonstra o fato de a ciência não ter vindo ao mundo sozinha (...)” (op. cit.; p.808).

4. Conseqüências para a Lingüística

Nesse caso, o lingüista, nos parece, está incluído na lingüística e não se trata aqui de uma inclusão histórica, mas estrutural; ou seja, é sua estrutura de linguagem que determina como ele apreende este objeto com o qual ele trata: a linguagem. Assim, poderia toda a lingüística ser efeito da singularidade daqueles que a compõe? Não me parece. Há ainda muito a ser discutido sobre esta questão. Neste momento as formas menos canônicas de se fazer lingüística talvez sejam as mais produtivas para se buscar uma resposta, talvez porque escapem um pouco do ideal positivista que parasita a lingüística; contudo a ausência de rigor as espreita!

Milner(1987) faz uma observação que parece contemplar a Lingüística a partir dessas considerações mais recentes sobre língua e sujeito:

“A lingüística, além do mais, incomoda, sem que isso deva, aliás, surpreender. Basta lembrar Freud e o que ele afirmava do narcisismo ferido: a astronomia de Copérnico, dizia ele, e a psicanálise tem isso de comum: elas atentam contra o narcisismo, a primeira deslocando o homem do centro do universo, a segunda roubando-lhe o domínio de seu psiquismo. Não é difícil perceber que acontece o mesmo em relação ao ponto de vista gramatical ou lingüístico: dedicar-se à língua enquanto tal, reconhecer nela as facetas de um real, é, quanto às experiências das pessoas, dizer ao sujeito falante que ele é, na língua e em toda locução, alguma coisa da qual ele não é nem mestre nem responsável.” (p.78)

A questão que se coloca a partir daí é como o lingüista se dirige à língua, ou seja, como perceber esta relação entre sujeito e objeto no caso da língua já que segundo esta concepção de língua e sujeito o lingüista deve retornar a uma região que o constitui. Isto é, “A relação do lingüista é estruturalmente desdobrada” (op.cit.:p.28). Esta afirmação retoma a relação sujeito objeto, e pelo princípio lacaniano não há possibilidade de relação direta entre sujeito objeto justamente por causa da alteridade constitutiva do sujeito. É a partir de uma posição que ordena os significantes que o sujeito se dirige à língua e, então Milner colocará uma questão para o lingüista, como lidar com o real, a contingência, e com as regularidades?

Esse sujeito, dividido, na lingüística, pode deter-se na busca de um *álibi*² ou do seu desejo³. No primeiro caso buscará tamponar a falha aberta pelo real da língua, concorrerá para uma sutura na ciência, tal qual se aceita dela uma demanda e que ela seja satisfeita, e no segundo caso, será necessário pressupor uma ética que considere esse real que comparece como enigma, esse real que tal qual o pensa Lacan escapa a apreensão do simbólico, e assim não é incomum que ele figure como fracasso ao passo que a sua inscrição é de impossibilidade. A língua, pensada por esse viés, não é simetrizável, calculável. O engodo é sina do sujeito, é sinal do sujeito, não é fracasso. O fracasso é dado pelas tentativas, sem sucesso, de tamponamento daquilo que escapa na linguagem pela língua. A Lingüística, enquanto campo que estuda a constituição e o funcionamento da língua, estaria manifestando uma ambição desmedida ao considerar os efeitos da sua pesquisa na teoria que a orienta? É importante aqui a observação de Milner: “O inconsciente não é o domingo do pensamento” (op.cit.).

É nesse sentido que trazemos o exemplo da área da Aquisição de Linguagem, na sua vertente interacionista, fundada por Cláudia Lemos e que tem mantido uma relação bastante produtiva com a Psicanálise. O material lingüístico das crianças, desde o início das atividades do projeto de Aquisição da Linguagem no Instituto de estudos da Linguagem na UNICAMP, foi o móbil do avanço da teorização nessa área e foi a partir da fala da criança que se percebeu que não era possível analisá-la sem a presença da outra fala do diálogo. Essa percepção levou a caracterização do trabalho como interacionista; mas mais do que isso os trabalhos de Cláudia Lemos puderam avançar a respeito do que significa essa dependência da fala da criança em relação à fala do outro. Neste avanço é que, pela fala da criança, encarando os dados paradoxais e percebendo, através deles, a alteridade constitutiva do sujeito a partir da língua, se deu a aproximação com Lacan.

Tal posição teórica acabou por ter efeitos sobre a própria teoria. Em um trabalho disposto a examinar os estudos sobre a Aquisição da Linguagem, Maria Thereza Lemos se pergunta: “mas pode a metalíngua ser independente da língua natural?” (p.42) Esta pergunta tem uma incomensurável força, porque realmente não

² - *Álibi* aqui no seu *strictu sensu* “(do lat. *alibi noutra lugar*) Meio de defesa que o réu apresenta provando sua presença no momento do crime ou do delito, em lugar diferente daquele que foi cometido.” In Novo Dicionário Aurélio; 2a.edição; 1986 - ed.Nova Fronteira.

³ - Melman aqui nos conduz: “Em todo caso, esta sorte de constrangimento local tem evidentemente efeitos sobre essa subjetividade, uma vez que ele vai levar inevitavelmente ao que esteja presente no real, ao lugar onde jaz este sujeito do qual digo que fazemos do seu culto, o pivo de nossa ética, ao exaltar essa singularidade.”(1992:40).

poderia ser feita por um lingüista, como observa Rey-Debove. Foi feita por uma psicanalista que não está a serviço da objetividade na língua. Esta é a questão central quando se fala de metalinguagem no domínio da lingüística tocada pela a psicanálise, a metalinguagem está tão sujeita ao funcionamento da linguagem quanto a chamada linguagem ordinária. Tal fato faz com que ela não possa manter a característica que a autoriza: a neutralidade. Não há linguagem que esteja livre do funcionamento inconsciente, nem a metalinguagem, é o que, enfim se pode dizer a partir da Psicanálise.

O que autoriza que a teoria suporte o que produz talvez seja a maneira com que é tratada a fala da criança nessa área. Carvalho e Avelar concluem que há pelo menos dois compromissos conseqüentes dessa posição teórica, vamos ao compromisso que nos interessa para a discussão sobre dados:

“O primeiro [compromisso] diria respeito à possibilidade de tratar das ‘produções estranhas’ da criança enquanto significantes, num momento inicial de seu percurso lingüístico, ou melhor, enquanto significantes que se combinam de forma imprevisível. Para isso seria preciso atender ao desafio de não atribuir à fala uma intencionalidade implicada por um sentido único, isto é, por uma troca ou adaptação mútua de percepções, intenções e cognições”. (p.65)

O foco do trabalho é com o imprevisível, com a contingência, aquilo que parece estranho ao investigador, mas para manter essa posição é necessário algum cuidado. As autoras falam em ‘atender ao desafio’, de não tomar o diálogo como troca, ou adaptação mútua de: percepções, intenções e cognições. As formas estranhas devem ser tomadas, segundo elas, enquanto significantes que se combinam de forma imprevisível. As autoras afirmam: “A mãe, na sua função de atribuir significado à fala da criança, está imersa nesse nível do significado” (p.64) já “o investigador (...) ao procurar escutar a fala da criança do ponto de vista do significante (...) torna viável um confronto com o impasse e com as características de inseparabilidade, retroação que ele implica, podendo resistir à sedução de apaga-las ou esquece-las” (p.65) Para as autoras “Essa posição implica, em última análise, um compromisso com o impasse, isto é com a proposta de tentar resistir à sedução da harmonia ou à sedução do significado, na expressão de Lacan.” (op.cit)

Nesta perspectiva da Aquisição de Linguagem, a relação com a Psicanálise foi determinante em uma forma de abordar a fala da criança: pelo significante e nos trabalhos que seguem essa linha resiste-se à tentação das interpretações conteudísticas, que são a mais viva expressão da crença de que há metalinguagem, e procura-se dizer do movimento existente no processo de aquisição da linguagem pela criança, focando tanto quanto possível no significante e procurando desinflar o significado.

A partir deste ‘ponto de vista’, sabe-se que o retorno que se faz à linguagem é marcado pela posição do sujeito e no seu encontro com o material lingüístico abre-se mão da metalinguagem como um caleidoscópio sedutor e aceita-se essa inclusão; contudo, sem que a inclusão do sujeito pesquisador signifique o encobrimento da fala da criança. Ou seja, uma das possibilidades de ocupar esse lugar de sujeito na investigação é renunciar a atribuir sentido à fala da criança e buscar nela movimentos que respondam pela sua constituição. O significante atuaria como indicador da posição do sujeito na língua e, a partir dessa posição do sujeito alçaríamos alguma compreensão do funcionamento da língua.

Na verdade, nos parece que a abordagem do material lingüístico na Lingüística, considerando o seu encontro com a Psicanálise, é da ordem de uma invenção a ser feita e refeita a partir da posição do investigador. Ficamos nesse momento com uma indicação dada por De Lemos quando esta nos diz que a direção do movimento de Lacan é ir desfazendo signos, fazendo-os significantes (2003:28).

5. Referências bibliográficas

DE LEMOS, M. T. G. *A língua que me falta: uma análise dos estudos sobre a aquisição da linguagem*. Ed. Mercado de Letras/FAPESP. Campinas.2002.

CHALUB, S. *A metalinguagem*. Ed.Ática. São Paulo. 1988.

DE LEMOS, C.T.G. *Corpo & Corpus*. Em LEITE, N.(or.) *Corpolinguagem: gestos e afetos*. Ed. Mercado de Letras. Campinas. 2003.

_____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. Em *Cederno de Estudos Lingüísticos*. No. 42 pp.41-70. Campinas. 2002.

CARVALHO & AVELAR, Lugar do diálogo em aquisição da linguagem: uma discussão. Em: SPINILLO, A.G. (org) *Aquisição da Linguagem: Teoria e pesquisa*. Editora UFPE. Recife. 2002

HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Editora da UNICAMP. Campinas, 1992.

LACAN, J. “Liturraterra” in *Outros Escritos*. p:15-25; Jorge Zahar Editores; Rio de Janeiro; 2003. *Autres Écrits*, 1966.

_____. “A ciência e a verdade” in *Escritos*. p:869-892; Jorge Zahar Editores; Rio de Janeiro; 1998. *Écrits*, 1966.

_____. Seminário XX: Mais, ainda. Jorge Zahar Editores; Rio de Janeiro; 1982. *Lê séminaire de Jacques Lacan – Livre XX: Encore*. 1975.

LEITE, N.V.A. (2004) *Panorama histórico das relações entre Lingüística e Psicanálise*. Trabalho apresentado na Mesa Redonda sobre Vistas da linguagem em perspectiva: Psicolingüística, Ciência Cognitiva, Psicologia Dinâmica e Psicanálise. Colóquio sobre Lingüística e Cognição II.

MALDIDIER, *A Inquietude do Discurso*. (Re)ler Pêcheux hoje. Campinas: Pontes. 2003.

MELMAN, C. *Imigrantes: Incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. Ed. Esacuta. São Paulo. 1992.

MILNER, J. C. *O amor da língua*. Porto alegre: Artes Médicas, 1987; *L’amour de la langue*, 1978.

NÁSIO, J.D. *Os grandes casos de Psicose*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.2001.

PINTO, J.P. *Estilizações de gênero em discursos sobre linguagem*. Campinas. 2002. (tese de doutorado em Lingüística apresentada ao IEL/UNICAMP).

REY-DEBOVE, J. *Le métalangage: étude linguistique du discours sur le langage*. Paris; Le Robert. 1978.